
REPRESENTAÇÕES DA MULATA E DO BRANCO NO CONTO *UM ESPECIALISTA*, DE LIMA BARRETO

Maricélia Nunes dos Santos¹

Resumo: Este artigo consiste em estudo do conto “Um especialista”, publicado no livro *Clara dos Anjos* (1969), de Lima Barreto. Tem-se por objetivo analisar como se dá a representação do homem branco e da mulher mulata e entender a relação que se estabelece entre ambos. Para embasamento teórico, recorrer-se-á a Freyre (2004) e Holanda (1995), cujos estudos são de grande contribuição para o entendimento da organização social do Brasil, bem como a Queiroz Junior (1975), que apresenta interessante trabalho acerca das representações da mulata na literatura brasileira.

Palavras-chave: literatura brasileira; literatura e sociedade; homem branco; mulher mulata.

Abstract: This article consists of a study of the short story “Um especialista” [“A specialist”, in literal translation], published in the book *Clara dos Anjos* (1969), by Lima Barreto. We aim to analyze how the representations of the white men and the mulatto women work and to understand the relationships between them both. For the theoretical support, we will be based on Freyre (2004) and Holanda (1995), whose studies are of great contribution for the understanding of the social organization of Brazil, as well as Queiroz Junior (1975), which presents an interesting work about the representations of the mulatto women in Brazilian literature.

Keywords: brazilian literature; literature and society; white men; mulatto women.

¹ Docente da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA. E-mail: maricelianuness@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A mulher mulata tem sido frequentemente apresentada em diversas produções literárias, permeando textos de alguns dos escritores de maior destaque na literatura brasileira. Nessas representações, destaca-se sua caracterização como mulher sensual, visão que não se restringe ao contexto literário, mas que representa, também, concepção comumente propalada na sociedade.

Nesse sentido é que Teófilo de Queiroz Junior, em livro intitulado *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira* (1975), afirma que, no geral, as representações literárias da mulata tendem a fortalecer o estereótipo da mulher sensual, irresponsável, amoral e infiel. Nessa linha de raciocínio, o pesquisador diz que, “no que se refere à mulata como elemento de relações interétnicas, a literatura no Brasil funciona como eficiente recurso de sustentação da situação preconceituosa reinante” (QUEIROZ JUNIOR, 1975, p. 122), o que estaria relacionado ao “interesse de manter superpostas as diferentes categorias étnicas” (QUEIROZ JUNIOR, 1975, p. 87).

Há que se ressaltar, contudo, que nas obras de Lima Barreto, cujo caráter social é reconhecido, são perceptíveis representações da mulata e do homem branco, as quais remetem aos estereótipos que os envolvem, contudo sem reafirmá-los. Tal ocorrência pode ser vislumbrada no conto “Um especialista”, que compõe o livro intitulado *Clara dos Anjos* (1969). É a partir da referida narrativa que o presente trabalho propõe uma discussão acerca da relação entre o branco e a mulata, tendo como objetivo estudar a forma como se dá a representação de tais personagens.

Como suporte teórico, se recorrerá a Gilberto Freyre, mais especificamente à obra *Casa-grande e senzala* (2004), bem como a Sérgio Buarque de Holanda, com a obra *Raízes do Brasil* (1995), cujos estudos são de grande importância para o entendimento da constituição da sociedade brasileira e do lugar ocupado pelo branco e pela negra/mulata dentro desse contexto. O trabalho buscará apoio, ainda, na já mencionada obra de Teófilo de

Queiroz Junior, que apresenta um interessante estudo das representações da mulata na literatura brasileira.

1. A relação entre o branco e a mulata no conto *Um especialista*

A concepção de que a mulher mulata está mais suscetível que as demais aos prazeres sexuais – muitas vezes atuando como uma espécie de “caminho de perdição” para os homens brancos – encontra suas raízes na história do Brasil. De acordo com Gilberto Freyre (2004, p. 398), “passa por ser defeito da raça africana, comunicado ao brasileiro, o erotismo, a luxúria, a depravação sexual”.

Contudo, ainda em conformidade com o sociólogo:

É absurdo responsabilizar-se o negro pelo que não foi obra sua nem do índio mas do sistema social e econômico em que funcionaram passiva e mecanicamente. Não há escravidão sem depravação sexual. É da essência mesmo do regime. Em primeiro lugar o próprio interesse econômico favorece a depravação criando nos proprietários de homens imoderado desejo de possuir o maior número possível de crias (FREYRE, 2004, p. 399).

Esse desejo de multiplicar fez com que os senhores de engenho fomentassem as relações sexuais entre os seus escravos e também eles recorressem às escravas negras ou mulatas para saciar seus impulsos. Por essa razão, Freyre atribui o que chama de “pegajenta luxúria” (FREYRE, 2004, p. 403) ao sistema escravocrata brasileiro, que fez com que os homens brancos vissem na relação sexual fonte de lucro, devido à procriação, e, além disso, concebessem a mulher negra/mulata como sua posse, tal qual as terras da colônia.

O referido sistema foi superado apenas em teoria com a Abolição da Escravatura, em 1888, visto que, nas palavras de Teófilo Queiroz Junior (1975, p. 78), que se vale dos estudos de Florestan Fernandes, as transformações relacionadas à Abolição da Escravatura e à Proclamação da República “deram-se sem que o negro e o mulato se vissem substancialmente alterados no quadro de suas relações sociais com o homem branco”. Desse modo, a visão

que subjaz no regime escravocrata teve suas ressonâncias ao longo da história do Brasil, mantendo vivo o preconceito em relação ao negro. Tal preconceito, que se faz sentir no contexto atual, embora camuflado pelo discurso do politicamente correto, era significativamente mais evidente contemporaneamente a Lima Barreto, por exemplo.

Assim como se constroem discursos que ratificam o estereótipo do negro e do português, aquele como ser inferior e este como um conquistador destas terras, há também outros discursos, entre os quais se encontra a produção literária de Lima Barreto, que contribuem para uma revisão das concepções que permeiam a sociedade, desconstruindo a visão que se tem em relação a um e outro.

De acordo com Sérgio Buarque de Holanda, no prefácio ao livro *Clara dos Anjos* (BARRETO, 1969, p. 7), “no caso do romancista carioca, não só as circunstâncias de sua vida pessoal, tão marcada pelo desmazelo e a intemperança, parecem inseparáveis de sua obra literária, como afetam certamente muitos dos juízos, benévolos ou desfavoráveis, que pôde suscitar”.

Assim, o conto “Um especialista” consiste em uma das muitas obras de Lima Barreto que trazem para a literatura aspectos da relação entre brancos e negros na sociedade brasileira. Tendo como representante do branco o comendador e o coronel Carvalho e como personagem afrodescendente, Alice, uma jovem de 26 anos, a narrativa trata de desconstruir estereótipos recorrentes em relação ao homem negro e à mulher mulata.

Embora a moça tenha um nome, ele é pronunciado raramente ao longo da narrativa. Na maioria das vezes, as referências a ela são feitas a partir do termo “mulata” ou de outros – empregados pelos dois portugueses –, cuja utilização a caracteriza como uma espécie de objeto de certa valia que, como tal, deverá ser desfrutado, durante um tempo determinado, pelo comendador.

Nesse viés, há que se atentar para a descrição que o narrador faz do referido comendador: “Gostava das mulheres de cor e as procurava com o afimco e o ardor de um amador de raridades” (BARRETO, 1997, p. 170). Essa preferência sexual em relação às “mulheres de cor” não lhe é uma exclusividade, tampouco está restrita ao universo literário. Gilberto Freyre afirma: “conhecem-se casos no Brasil não só de predileção mas de

exclusivismo: homens brancos que só gozam com negras” (FREYRE, 2004, p. 368). Tal questão, ainda de acordo com o estudioso, pode ser atribuída ao vínculo que se estabelecia entre as escravas negras e os filhos dos senhores de engenho, sendo aquelas responsáveis pela amamentação e os cuidados destes.

A “mulher de cor” – nos termos do narrador – é vista como algo a ser buscado; contudo, depois de encontrada, há uma espécie de procedimento padrão: “prová-la, enfeitá-la, enfeitá-la e ‘lançá-la” (BARRETO, 1997, p. 172), segundo palavras do comendador. Essa concepção do português em relação à mulher afrodescendente pode ser vista em analogia à visão e à postura manifesta, em dados momentos da história, pelo povo lusitano em relação às terras da colônia, dado que, de acordo com Sérgio Buarque de Holanda (2011, p. 99), “dir-se-ia que, aqui, a colônia é simples lugar de passagem, para o governo como para os súditos”.

O autor de *Raízes do Brasil* afirma reiteradamente que as terras da colônia eram vistas como uma fonte de lucro, sendo que não interessava aos portugueses povoar e fazer dessas as suas terras, em sentido mais afetivo, mas tirar delas o maior número de riquezas, explorá-las ao máximo. Nesse sentido, a relação do colonizador lusitano com as terras da colônia é monetária, de posse; isto é, ele não a concebe como seu *imago mundi*.

Gradativamente, sabe-se que a colônia deixou de ser terra de passagem e passou a ser local de vida de muitos portugueses. O mesmo aconteceu em relação à mulher negra/mulata, semelhantemente à indígena, visto que passaram a existir casos de união estável entre estas e os portugueses. Contudo, na consciência de muitos, inclusive os personagens do conto em análise, a mulher mulata ainda é concebida como apenas um objeto de prazer momentâneo. O comendador não tenciona estabelecer relações duradouras com as mulheres mulatas que tanto lhe atraem, mas fazer uso delas, explorá-las, tal qual seus ascendentes fizeram em relação às terras brasileiras, e depois abandoná-la, “lançá-la”, conforme seus termos.

Assim, se por um lado há uma predileção do comendador em relação às “mulheres de cor”, por outro, essas mulheres não são vistas além de seu aspecto sexual. Nesse sentido, o referido personagem faz referência a Alice,

chamando-lhe “uma mulata deliciosa” ou um “achado”, conforme pode ser verificado no momento em que fala dela pela primeira vez ao amigo:

– Oh! Não te conto! Foi **um “achado”**, **a cousa**, disse o comendador, depois de chupar fortemente o charuto e soltar uma volumosa bafurada; **um petisco** que encontrei... **Uma mulata deliciosa**, Chico! Só vendo o que é, disse a rematar, estalando os beijos (BARRETO, 2004, p. 170 – grifou-se).

Tal referenciação contribui para uma objetificação da personagem feminina negra/mulata. Alice não é caracterizada como um ser humano, mas avaliada com base apenas nas suas características físicas. O comendador reconhece nela a beleza; contudo, trata-se de uma beleza a ser explorada, a ser tragada tal qual a fumaça do charuto, beleza que aguça os sentidos, fazendo estalar os beijos. Trata-se de um achado, como o foram as terras, o ouro, as especiarias, o pau-brasil, todos os recursos das colônias, explorados ao extremo. Alice é, em suma, uma coisa ou, no máximo, “a cousa”.

O que se busca nessa mulher, bem como nas outras de seu grupo étnico, “procuradas [por tantos comendadores] com afinco e ardor” (BARRETO, 1969, p. 170), não ultrapassa o nível do puramente sexual. A mulata consiste, pois, apenas no objeto de desejo do outro, o branco. É nesse sentido que cabem as palavras de Freyre: “entre brancos e mulheres de cor, estabeleceram-se relações de vencedores com vencidos” (2004, p. 515).

A atração do homem branco pela mulata pode encontrar justificativa no caráter exótico que essa assume perante seus olhos: “– A mulata, dizia ele [o comendador], é a canela, é o cravo, é a pimenta; é, enfim, a especiaria de requieime acre e capitoso que nós, os portugueses, desde Vasco da Gama, andamos a buscar, a procurar” (BARRETO, 1997, p. 170). Uma vez mais, faz-se explícita a analogia entre a mulher afrodescendente e os tantos recursos das colônias, largamente explorados pelos lusitanos.

Nesse viés, são válidas as palavras de Teófilo Queiroz Junior (1975, p. 42), que, em análise do romance *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado repara nas especiarias que acompanham a personagem mulata logo no título, dizendo que a elas “se associam facilmente idéias de sensualidade e poderio,

condições de brancos conquistadores, ávidos de satisfação para seus sentidos, no exótico de outras terras, de outros aromas, de outras mulheres...”.

Reitera-se, nas palavras dos portugueses que figuram no conto, inclusive em decorrência da analogia com as especiarias, uma visão já consolidada acerca da mulata, a da mulher ardente. Visão esta que, conforme já explicitado anteriormente com base nos estudos de Freyre (2004), é errônea, consistindo em consequência do sistema escravocrata e patriarcal brasileiro.

Contudo, o conto não se limita ao estereótipo da mulata sensual. Essa visão encontra-se na narrativa, mas é a visão dos portugueses, representados pelo coronel e pelo comendador. A ela está contraposta a organização de um narrador que se detém mais a caracterizar o outro extremo da relação, o português.

Nessa perspectiva, é com o foco nos homens que a narrativa tem início, são retratados seus hábitos e seus gostos. Dos dois, além das menções a uma vida noturna agitada, destacam-se os hábitos das partidas de bilhar e o deslocamento “em pequenos passos”, indícios de uma vida ociosa, a qual remete à descrição que Gilberto Freyre faz dos donos de engenhos, praticamente imóveis em suas casas:

Cada branco de casa-grande ficou com duas mãos esquerdas, cada negro com duas mãos direitas. As mãos do senhor só servindo para desfiar o rosário no terço da Virgem; para pegar as cartas de jogar; para tirar rapé das bocetas ou dos corrimboques; para agradecer, apalpar, amolengar os peitos das negrinhas, das mulatas, das escravas bonitas dos seus haréns (FREYRE, 2004, p. 518).

Contudo, essa falta de mobilidade e disposição para o trabalho parece não ter sua origem nos tempos de engenho, sendo intrínseca à formação cultural lusitana, na perspectiva de Sérgio Buarque de Holanda, de acordo com quem:

Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais nobilitante, a um bom português, ou a um espanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia. O que ambos admiram como ideal é uma vida de grande senhor, exclusiva de qualquer esforço, de qualquer preocupação. E assim, enquanto povos protestantes preconizam e exaltam o esforço manual, as

nações ibéricas colocam-se ainda largamente no ponto de vista da Antiguidade clássica. O que entre elas predomina é a concepção antiga de que o ócio importa mais que o negócio e de que a atividade produtora é, em si, menos valiosa que a contemplação e o amor (HOLANDA, 2011, p. 38).

É em consonância com essa visão que atuam os personagens lusitanos da narrativa de Lima Barreto: “Em geral, eram as conquistas amorosas o tema da palestra; mas, às vezes, incidentemente, tratavam dos negócios, do estado da praça e da cotação das apólices” (BARRETO, 1969, p. 169). E, ainda, referindo-se à mulata, diz o comendador: “[...] me apossei de um lindo primor – uma maravilha, filho, que tem feito os meus encantos nestes quinze dias – com os raros intervalos em que me aborreço em casa, ou na loja, já se vê bem” (BARRETO, 1969, p. 171).

Para o português, as conquistas amorosas, os achados, os primores e maravilhas, é que possuem destaque – o que consiste em indício de um espírito aventureiro, acusado por Sérgio Buarque de Holanda (2011) como característica daquele povo, talvez acentuada por uma educação patriarcal escravocrata que, em conformidade com Freyre (2004, p. 461), acabou por criar meninos para atuar como garanhões. Já o trabalho, representado pelas apólices, os negócios e a loja, nada mais é que um incidente, caso de menor importância, que, nos intervalos, traz aborrecimentos.

Assim, comendador e coronel, ainda que em outro tempo e outro contexto (urbano), mantém vivos determinados traços dos antigos senhores de engenho ou de seus ascendentes mais distantes, não apenas no que se refere à ociosidade, mas também à visão acerca das “mulheres de cor”. Tudo neles parece ser simplesmente “hábito” (BARRETO, 1969, p. 169), “costume” (BARRETO, 1969, p. 170 e 174), o “como sempre” (BARRETO, 1969, p. 170), termos que figuram na narrativa e podem ser interpretados como referência a uma sociedade presa a determinada “tradição”, inclusive no que diz respeito à posição do negro/mulato e do branco.

Note-se, também, que o comendador não tem seu nome revelado; igualmente, no caso do coronel Carvalho, embora se encontre acompanhado do sobrenome em determinados momentos, prevalece o título. Os predicativos de coronel e comendador atribuem certa pompa aos portugueses e garantem-

lhes o anonimato necessário na realização de atividades que não condizem com a sua pretensa moral.

Entretanto, esses são contrapostos a outras qualificações, mais fortes, que lhes isentam de todo brilho, caracterizando-os como seres baixos:

[O coronel] Era um **plácido burguês, gordo, ventruado**, cheio de brilhantes, empregando a sua **mole atividade** na gerência de uma fábrica de fósforos. Viúvo, sem filhos, levava a **vida de moço rico**. Freqüentava *cocottes*; conhecia as escuras casas de *rendez-vous*, onde era assíduo e considerado; o outro, o comendador, que era casado, deixando, porém, a mulher só no vasto casarão do Engenho Velho a se interessar pelos namoricos das filhas, **tinha a mesma vida solta do seu amigo e compadre** (BARRETO, 1969, p. 169 – grifou-se).

A crítica se fortalece no decorrer da narrativa, quando assim é descrito o comendador:

Por todo ele havia aspecto de **um suíno**, cheio de lascívia, inebriado de gozo. Os olhos arredondaram-lhe e diminuíram; os lábios se haviam apertado fortemente e impelidos pra diante se juntavam ao jeito de um focinho; o rosto destilava gordura; e, ajudado isto pelo seu físico, **tudo nele era de um colossal suíno** (BARRETO, 1969, p. 172 – grifou-se).

O narrador caracteriza os portugueses como homens sedentários, fazendo reiteradas menções a uma vida “mole” e rotineira, regada a bebidas, charutos, cartas e mulheres. As atitudes dos portugueses, amiúde associadas à ingestão de alimentos/bebidas e à lubricidade, podem, inclusive, ser analisadas sob a perspectiva da carnavalização e do baixo-corporal, conceitos explorados por Bakhtin no livro intitulado *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* (1999).

Não obstante as menções a bebidas e mulheres, suficientes para produzir uma visão carnavalizada dos homens que povoam o conto em análise, o narrador recorre também à analogia entre estes e porcos. Ora, se na perspectiva dos portugueses, representantes de uma visão reiterada largamente na sociedade, a mulata é concebida como um objeto, que pode ser usado e descartado, conforme a vontade do branco, na perspectiva do

narrador, o branco passa a ser categorizado como um animal, o que caracteriza o seu rebaixamento (BALHTIN, 1999).

Além de aproximar-se, em fisionomia, a um porco, o que é significativo para despertar a repulsa do leitor, o comendador é descrito, no decorrer da narrativa, como um homem capaz de recorrer aos atos ilícitos para assumir posição de destaque na sociedade, visto que se tornou rico à custa de uma afrodescendente, roubando-lhe a herança, e já esteve “implicado num caso de moeda falsa” (BARRETO, 2004, p. 177). Nesse aspecto, vale recorrer às palavras de Sérgio Buarque de Holanda, no prefácio ao livro em que se encontra publicado o conto em questão, de acordo com quem:

Botafogo e Petrópolis [entenda-se: os lugares de destaque na sociedade] pertencem aos que lograram subir de uma condição originariamente humilde e degradante. Não certamente pelo mérito pessoal, mas por meios duvidosos e menos confessáveis. [...] O dinheiro e o prestígio andam sempre associados a alguma insondável burla, de modo que são os mais desprezíveis, os menos dominados por escrúpulos de ordem moral, aqueles que de fato sobem e vencem (BARRETO, 1969, p. 15-16).

As palavras acima, ainda que não sejam cabíveis a todos, se fazem apropriadas ao caso do comendador, cuja pretensa nobreza sucumbe no decorrer da narrativa, por seus hábitos e condutas, e cujos atos ilícitos (o roubo e a falsificação) são revelados pela boca da filha, uma mulata.

Considerações finais

Em linhas gerais, a análise do conto “Um especialista” possibilita perceber que a visão estereotipada acerca da mulata – que fez com que muitos membros da sociedade a concebessem como mulher mais “dada” aos prazeres sexuais – se encontra presente nas ações e nos comentários do personagem português. Contudo, a narrativa se constrói no sentido de isentar de valor essa perspectiva, haja vista que seus representantes, os homens brancos, são descritos como seres repletos de vícios e isentos de qualidades.

De fato, Alice é uma mulher “acessível” aos homens e seu “fazer a vida” consiste em “mercar aqui os seus encantos” (BARRETO, 1969, p. 171). Contudo, é caracterizada pela narrativa como uma vítima do contexto sociocultural, dado que, nas palavras de Queiroz Junior, a prostituição, bem como o cantar, não constitui

[...] traço inerente à sua personalidade ou qualquer manifestação de herança biológica da negra ou da mulata, mas representam vias de acesso a condições de sobrevivência, conscientizadas como desejáveis ou mesmo como as únicas possíveis, por deliberação e imposição do próprio branco, que estabelece e conduz as regras do jogo nas relações que mantém com o negro (QUEIROZ JUNIOR, 1975, p. 106).

O comendador, por sua vez, é descrito como um homem capaz de roubar da esposa uma pequena herança – o branco roubou do afrodescendente a sua força de trabalho, e a “herança” deste seria seguir sendo explorado por aquele. É também um homem que falsifica moedas e falsifica imagem, posto que, durante o dia, na loja e em casa, é um, O comendador, mas à noite, às escuras, entrega-se aos prazeres da bebida e da orgia, com “vida solta” (BARRETO, 1969, p. 169).

A partir da desconstrução da imagem do português, de seu rebaixamento, o conto procede também a uma revisão do tipo de relação que se estabelece entre brancos e afrodescendentes, destronando a concepção preconceituosa que, corriqueiramente, defendeu a superioridade (moral, intelectual etc.) daqueles em relação a estes.

Por fim, na relação com o comendador, colossal especialista (em quê?), Alice não é uma estranha. Trata-se, primeiro, de objeto de satisfação erótica do português (especialista em explorar os “achados”?) e, além disso, de filha desse mesmo português (especialista em seguir povoando essas terras?). De uma forma ou de outra, a mulata é decorrência das ações desse branco, de todo o processo de miscigenação e exclusão característico da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi. 4. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Brasiliense, 1969.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

QUEIROZ JUNIOR, Teófilo. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1975.